

**Sérgio Sant'Anna – *O vôo da madrugada***  
São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Regina Dalcastagnè

Desde seus primeiros livros, nos anos 60 e 70, Sérgio Sant'Anna vem fazendo de suas narrativas um espaço de reflexão sobre a escrita e o objeto da escrita. Colocou Ralfo a desmontar o próprio texto enquanto encenava, com gestos grandiloqüentes e sempre irônicos, sua confissão. Publicou um *Romance de geração*, em forma de teatro, que exibia a profunda cisão entre o universo intelectual e o “popular” durante a ditadura. Chegou a pendurar um limpador de janelas no 17º andar de um edifício, em *A senhorita Simpson*, só para atirar sobre ele todo tipo de discurso pronto, denunciando justamente o despropositado de determinadas representações.

Em seus textos, o tom cáustico na observação da realidade se alia ao bom humor das interpretações. O que não o leva jamais ao desrespeito em relação ao objeto representado. Por mais ridícula que seja a situação em que está imersa uma personagem, não há deboche em sua descrição – e muito menos condescendência. Homens e mulheres, especialmente os primeiros, que são foco maior da atenção do escritor, são vistos em

seu desespero, em seu desamparo, em sua balbúrdia interior. Mas não são heróis trágicos. Muito pelo contrário, são patéticos em sua humanidade, em seu arrebatamento, sua vacilação. A cada obra mais maduro, embora os problemas que explicita em suas narrativas não apresentem solução, Sant'Anna é autor essencial para quem quer pensar a literatura no Brasil hoje.

*O vôo da madrugada*, seu livro de contos mais recente, mantém as principais características de sua escrita, mas o tom parece mais sombrio, um pouco mais triste. Há muita morte, muita depressão circulando por suas páginas, e elas frustram, intencionalmente, o humor de qualquer discurso – como a dizer que podemos rir de nós mesmos em qualquer ocasião, mas que a graça acaba quando todo o resto acaba. O livro é dividido em três partes. Na primeira há doze contos, que abrangem desde a história do garoto viciado em drogas que estupra a própria mãe até a do homem que tenta o suicídio, e falha, ou do jovem dramaturgo que morre num hospital pensando em seu gato morto. A segunda parte traz uma novela, “O Gorila”, onde um ex-dublador de filmes passa seus dias a dar telefonemas obscenos para desconhecidos, até que se mata. No final, estão reunidos “três textos do olhar”, como os qualifica o autor. São variações a partir de pinturas e fotografias, onde é colocada em discussão a perspectiva daquele que vê.

Talvez mais do que a morte, é a solidão que dá unidade ao livro – e, ligada a ela, um terrível sentimento de fracasso, que impregna tudo. A solidão pode ser, ela mesma, um sintoma do malogro na ambição primária de todo ser humano: estar com o outro. No primeiro conto, que dá título ao volume, um homem solitário viaja em um avião que transporta os cadáveres de um acidente aéreo. Ali, em meio à morte e à madrugada, o protagonista encontra uma mulher que, segundo ele, poderia amá-lo, uma vez que “atravessava minha aparência para enxergar aquele que eu poderia ser, que eu desejava ser, ou aquele que verdadeiramente eu era” (p. 21). É um encontro no vácuo, já que a misteriosa mulher desaparece sem deixar qualquer vestígio no desembarque. Mas seria, de todo modo, um encontro fracassado, porque aquilo que ela amaria era só uma possibilidade em aberto.

O fracasso está ainda na relação da mãe com o filho drogado, em “Um conto nefando?” Na consciência torturada da mulher – que prefere en-

tregar-se ao filho em meio à violência, tornando-se cúmplice do ato e dividindo com ele a culpa, por temer que o garoto, no dia seguinte, não suporte o horror cometido. Ou na tentativa frustrada de suicídio do homem que acorda em uma clínica psiquiátrica com uma “intensa nostalgia da morte, uma saudade do fim de tudo” (p. 108), apreensivo com a conta do hospital que terá de pagar, com os olhares assustados da namorada e dos filhos, em “A barca da noite”. E no Gorila, da novela com o mesmo nome, que ainda tenta, mascarado pelo apelido, pelo riso cavernoso e pelas palavras obscenas, fazer contato com o outro, sem alcançá-lo.

Restaria, após as derrotas na vida, tentar recuperar espaço pela escrita, como fazem muitas das personagens de Sant’Anna neste livro (e em sua obra como um todo). Mas aí, surge um novo embate: “Durante a escrita do conto há sempre a iminência do fracasso, de o contista não conseguir manifestar os seus fantasmas, entes, pensamentos mais soterrados, e não lograr traduzir em imagens uma ânsia desesperada de poesia, como salvação de um vazio, uma angústia, solidão e depressão profundos, que clamam por um aniquilamento do próprio contista” (p. 53). Assustado com o risco de “não obter êxito nem com a narrativa de seu fracasso” (p. 54), sentindo-se cada vez mais submerso em seu desalento, seu protagonista escritor – que transita de um conto para o outro – expressa a ânsia e o sofrimento de escrever, mas lembra de “quantos malditos no mundo não tiveram nem o consolo da arte” (p. 87).

Consolo que, de início, parece estar ligado apenas à possibilidade de produzir beleza, inscrevendo o artista na ordem do mundo como criador, salvando-o, pretensamente, do anonimato entre a multidão e do esquecimento posterior. Mas aos poucos ele se desmonta, torna-se vazio, como intui a personagem, porque artificialmente elaborado em meio à solidão. A única maneira de transformar arte em consolo para o sentimento de fracasso seria, talvez, atingir outras existências, estender uma ponte até a experiência alheia, dar a ela espaço para emergir e, de algum modo, se comunicar com a que se expressa na narrativa. O que certamente não redime ninguém, mas ao menos marca um sentido, estabelece um contato. *O vôo da madrugada*, mais do que qualquer outro livro de Sérgio Sant’Anna, parece ter essa intenção – tocar o leitor em seus desejos e medos mais íntimos, mais solitários, comunicar-se com eles. E, estranhamente, consegue.